O POVO DITA, EU CONTO E VOCÊ INTERPRETA

DAIANA SOARES

UANÁ Editora

O POVO DITA, EU CONTO E VOCÊ INTERPRETA

DAIANA SOARES

UANÁ Editora

UANÁ Editora

CONSELHO EDITORIAL

Bianca Salles Pires
Bárbara Rolim
Camila Faria Pançardes
Carlos Douglas Martins Pinheiro Filho
Cláudia Nascimento
Daniel Luiz Arrebola
Daniel Maribondo Barboza
Felipe Moura Fernandes
Guilherme Marcondes dos Santos
Hully Guedes Falcão
Iago Menezes de Souza
Isabel Veloso de Oliveira
Karoline Ruthes Sodré
Juliana Lencina
Leila Maribondo Barboza
Luana Reis Andrade
Luci Faria Pinheiro
Maria Thereza C. Gomes de Menezes
Marcelo Gomes
Márcio Malta (Nico)
Rodrigo Ribeiro
Railson Barboza
Rosângela Gonzaga de Almeira
Sabrina Parracho Santana

EDITORA UANÁ

Editora-Responsável
Leila Maribondo Barboza
Editor-Adjunto
Carlos Douglas Martins Pinheiro Filho
Diagramação/ Projeto Gráfico/ Capa
Leila Maribondo Barboza
Prefácio
Carlos Douglas Martins Pinheiro Filho

ILUSTRAÇÕES
Daiana Soares

S676P
Soares, Daiana

O povo dita, eu conto e você interpreta / Daiana Soares. –Niterói (RJ) : Editora Uaná, 2023.

52 p. il., : E-Book

Disponível em: https://www.editorauana.com.br//livrosuana

1. Literatura Brasileira - Romance. 2. Contos. I. Título.
CDD B869.93

Ficha catalográfica elaborada por Elenice Gloria Martins Pinheiro - CRB7|5338

Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 2.0 Genérica
(CC BY-NC-ND 2.0)

Acesso livre e gratuito.

De acordo com os termos seguintes:
Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou o seu uso.
Não Comercial — Você não pode usar o material para fins comerciais.
Sem Derivações — Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, você não pode distribuir o material modificado.

Licenciamento do conteúdo consultar:
daianaolyveyra08@gmail.com

Prefácio

Quem conta um conto aumenta um ponto, diz o ditado popular. Todo conto nos investe da história e, por isso, ele se reveste de todo o eu do contador. Não é por mal, mas o contador dá no conto o que tem, razão, emoção, fantasia ou qualquer outra coisa que dele transborde. E cada um, democraticamente, que interprete a história como bem entender.

Este é o estado de espírito no qual o livro, de Daiana Soares, se desenrola, é prosa, parte relato, parte memória, é poesia e outra fantasia. As curtas histórias, “na palma da mão”, como diz a autora, trazem uma mistura cheia de ironia, humor e sabedoria, onde ditados populares dão vida a histórias. Os desenhos que ilustram a publicação, da própria autora, oferecem ao leitor uma textura ainda mais autêntica, uma camada a mais de significado a esse rico conjunto de causos.

Além de tudo, o livro é gostoso de ler, flui, como um rio que desce serra abaixo para um vale verdejante. Um verdadeiro relicário de narrativas populares, que contam muito sobre a experiência de ser brasileiro, sobre nossa riqueza cultural e linguística. Um livro do qual sou imensamente grato por ter tido o privilégio de ler e apresentar.

Carlos Douglas Martins Pinheiro Filho

Sumário

1. Introdução
2. Pé de galinha não mata pinto
3. O truque da galinha morta
4. O rato roeu a roupa do rei de Roma
5. Cavalo dado não se olha os dentes
6. Gato escaldado tem medo de água fria
7. De médico e louco, todo mundo tem um pouco
8. Casa de ferreiro espeto de pau
9. O barato sai caro
10. O diabo não é tão feio quanto se pinta
11. Trazei três pratos de trigo para três tigres tristes comerem
12. Alô, o tatu tá aí? – Não, o tatu não tá. Mas a mulher do tatu tando, é o mesmo que o tatu tá

13. Ouvir o tique-taque, tique-taque, tique-taque. Depois que um tique toca é que se toca um taque

14. Conta quantos contos contastes quando contavas contos

15. A rã arranha a aranha, a aranha arranha a rã

16. Qual é o doce mais doce que o doce de batata doce?

17. Por fora bela viola por dentro pão bolorento

18. O amor é uma flor roxa que nasce no coração do trouxa

19. Em rio que tem piranha, jacaré nada de costas

20. O cemitério está cheio de insubstituíveis

1. Introdução

Ao iniciar a obra, a proposta era criar textos acessíveis na palma da mão do leitor e que flertasse com o digital.

É de dentro de casa que os ditos populares, são contados pelos mais velhos. Despertou minha curiosidade, a princípio com uma conversa de comadres com titia que dizia, sobre situações da vida incontáveis que não cabe na “calçola de Leonor”.

Incontável é algo que o escritor ama contar!

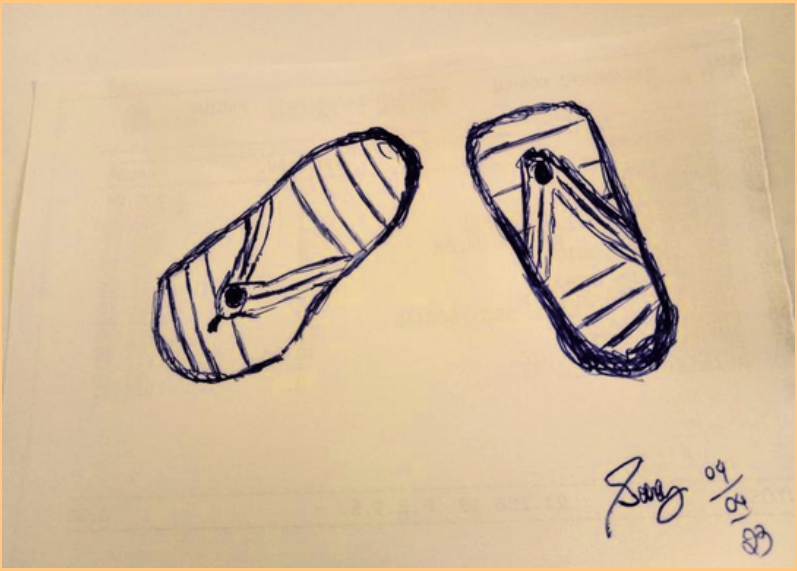
Atenta ao dizer e ao mesmo tempo achando graça desse termo, iniciei uma seleção de ditos populares, travalínguas e provérbios já existentes, criando mini contos de histórias inspiradas no que se observa nas ruas e alguns bairros periféricos de Salvador.

Bem... e sobre a tal calçola de Leonor,peço que meu leitor interprete a máxima!

Boa leitura!

2.
Pé de galinha não mata pinto

Mais um dia arrumando a banca na Feira do Japão, resmungando e cheio de birra, antes de ir para a escola Manuel tinha como função organizar a sessão de frutas de Mainha. A mãe em questão, era muito respeitada na Liberdade, pois quem quisesse se botar na frente era naturalmente candidato a desafeto de Mainha da Fruta.



Doido para receber uma chinelada por cima da cara, derrubou todas as frutas dentro da lama ao transitar com o carro de mão na avenida. E não é que da arte do arremesso de havaiana Mainha era catedrática no assunto.

Acontece que dessa vez, a marca da chinelada não era da marca Havaianas e sim das linhas da sandália de pneu comprada na mão de Boleiro da Armação, seu quase namorado como a mesma dizia.

Manuel abriu o berreiro na entrada do beco, vestindo a camisa retado indo para a escola levando tudo pela frente.

Oh geração presepeira!
Riu Mainha da Fruta doce e amarga.

3.
O truque da galinha morta

Era comum a sequência de baixarias naquela vizinhança do famoso Beco da Calçola Quente, mas naquele dia Renilda estava totalmente na paz do Senhor ouvindo os louvores e sendo simpática com os passantes na rua.

Um, dois e três:
Bate três palminhas, a confusão feita pois o vizinho do lado abriu a mala do som soltando toda a poética das músicas que formavam os paredões no bairro. E para alfinetar a criatura, gritava com o microfone na caixa de som, que não queria agonia!

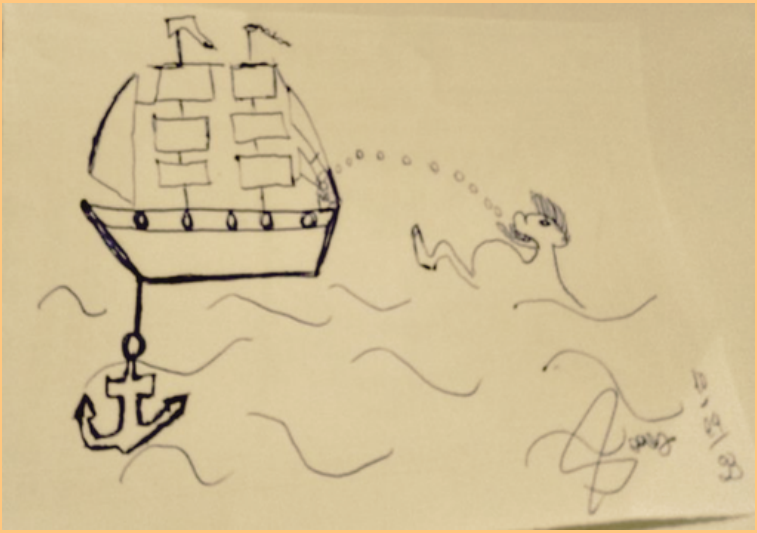
A ungida do Senhor, jogou água com óleo ungido molhando todo o som, causando microfonia e afetando o poste da vizinhança.

Como ouvir nos burburinhos:
Uma serpente voadora do antigo testamento.

Ah infeliz!

4.
O rato roeu a roupa do rei de Roma

Naquela fábrica naufragava um náufrago no navio nadando no entorno do nevoeiro a vista. Nada comum era nove vezes rodear e gargalhar com sua barriga para cima, e aquele rabo espanado de nada valia comendo ninharia jogada pelo marujo que de cara feia e roupa roída de ódio comia aqueles cordões nude daquela camisa amarrotada.



Vamos saudar o rei dos ratos mergulhões, dizia com tom de deboche.

Tudo isso contado pelo beberrão Tico que impressionava turistas no Terminal Náutico Turístico de Salvador, com xaropadas e boas gorjetas que alimentavam a sua vida miserável e solitária.

5. Cavalo dado não se olha os dentes

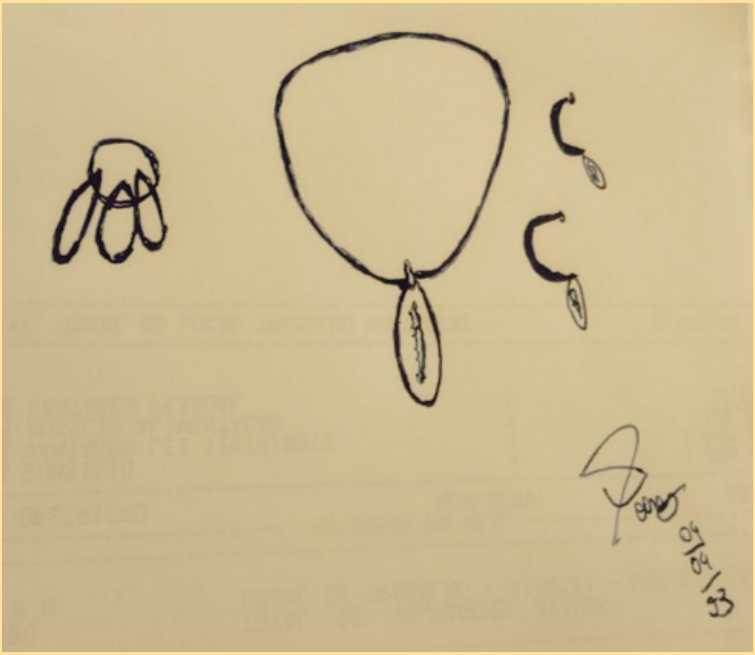
A ansiedade tomava conta daquele coração apaixonado em plena o6h40 da manhã, quando aguardava no terminal do BRT aquele seu crush ou na verdade o crush de tantas.

Bem sabida sabia se não soubesse que aquele monumento masculino desfilava nas ofertas de todas as Matildes Baianas.

E lá vem o cabra,
lhe ofertando um presente.

Para a sua decepção, era um conjunto de brincos, colar e pulseiras que nem água e o sol pode ver que gosta. Como dizia a canção: Na arte de amar não se quer nem ouro nem prata.

Então fez jus!



6. Gato escaldado tem medo de água fria

A confusão naquela fila para entrar no banco na localidade do Comércio no final do mês era rotina de meio mundo de aposentados e tomar aquele cafezinho no cruzar da Avenida EUA, tornava o desenrolar da treta mais atraente aos olhos da observadora.

Nildo, um velho aposentado, sempre queria chefiar a organização da fila, mas naquele dia exercer a arte das trapaças não iria colar.

O encantador se lascou! Quando chegou na fila encontrou uma tropa de idosos com a cara amarrada e os locais marcados com cadeiras. Vá medonho! Tirar cu, cadeira e gente revoltada do lugar.

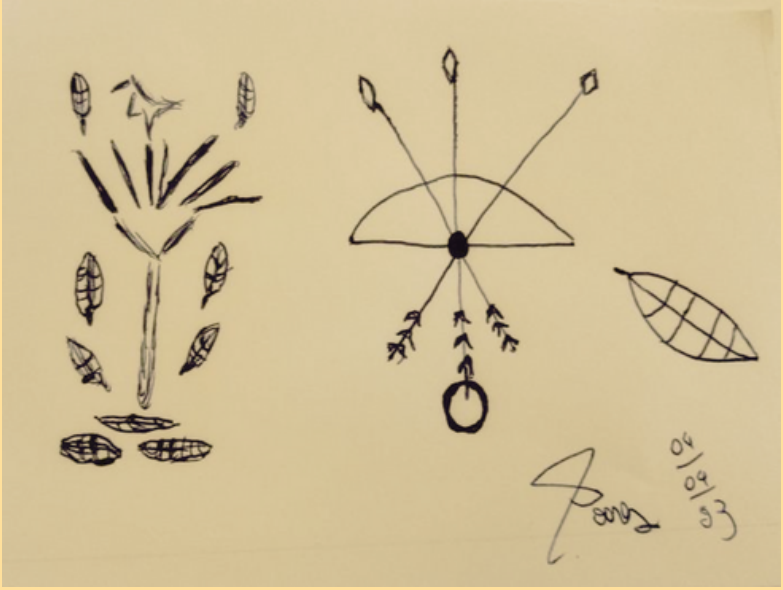
O tirado a Zé Inocêncio galã da novela Renascer, como era conhecido, embora carecia do caráter justiceiro do personagem, gostava de colocar as suas paqueras na frente para garantir companhia para o famoso Baile Preto e Branco de seresta que ocorria mais tarde!

7.
De médico e louco, todo mundo tem um pouco

Abria sua barraca no chamado Beco do Asé na Feira do São Joaquim, com a cara de poucos amigos. Agora me poupe Majeté! Comerciante de cara amarrada nem vela para Santa Bárbara benze freguesia contrariada.

O moleque em forma de velho era tido como o rei das folhas, parecia ter parte com Ossanha de saber tanto de folha e seu olhar lampeiro na espreita de dentro da mata como a única flecha afiada de Oxóssi, formava sua personalidade curiosa.

Melhor seria tomar escorregão no Samba do Quiabo, do que escorregar na frente da barraca do temido e ao mesmo tempo amado das garrafadas e pajelanças aprendidas na universidade da vida. Boatos afirmavam que até Sr Doutor Virgulino todo diplomado, e dos certificados pendurados na parede, freqüentava o estabelecimento nas horas vagas do plantão do HGE, estacionando carro na rua dos hotéis falidos, local onde só Disseram via e corria língua o lelê.



Vixe, nossa mãe! Cura boa
vem de remédio amargo.

8. Casa de ferreiro espeto de pau

Lá vem ele diretamente de Plataforma, para as ladeiras do Taboão, Pelourinho e do Passo, envolver geral naquele cheiro de pão delícia caseiro que fazia o conjugado de tripas remexerem na barriga.

Alegria dos vendedores das portas das lojas e tristeza para as taxas dos exames de rotina. Cair naquela tentação dos diabos era o desejo dos frequentadores da academia.

A melhor parte era o
retorno para o Subúrbio.
Sem sobra de pão nas
vasilhas!

E hoje em casa,
o café será como, sujeito?

9.
O barato sai caro

Se apressar e pesquisar valor de celular virou rotina nos hábitos soteropolitanos, pela freqüente correria entre o dono oficial e o dono fictício que acaba levando nos transportes coletivos e pelas ruas causando transtorno de todas as espécies.

Nessa corrida, o camarada resolve comprar na Feira do Rolo um aparelho semelhante ao da loja e quando chega a casa feliz, distribuindo dentes. Ao abrir o aparelho no objetivo de ajeitar as configurações, o danado nem bateria tinha!

É meu pivete...
O golpe ta aí,
cai quem quer!

10. O diabo não é tão feio quanto se pinta

Nada poderia dar errado. Com canela ligeira, subia a ladeira da Conceição rumo a Dois de Julho, buscar na padaria Bola de Neve a torta encomendada para a surpresa do aniversário do seu amado.

Veio de lá, quase como malabarista passando pelos camelódromos. Tropeçou e caiu de cara na torta.

Lambuzada estava e desse jeito recebeu o “Bonitão”, que achou tudo aquilo fantasia tirada daquela cabeça criativa leitora de Bukowski, me fez lembrar a Sandra personagem do livro “O amor é um cão dos diabos”.

Chantilly, doce de leite e morango banharam o farto colo enfeitando como jóia virou deusa!

11. Trazei três pratos de trigo para três tigres tristes comerem

Calango era a xepa daquela cachorrada magricela, uma briga dos diabos na entrada da Feira do São Joaquim, sendo três cães embolando dentes nas pernas da freguesia pulando e se esparramando na banca de siriguela e jaca de pobre espatifando naquela segunda.

Logo naquele dia, considerado o norteador!

Puta Merda! Exclamou a velha cigana, que embaralhava com agilidade rindo com o cigano Wladimir encostado na tua banca. Comilança, embora escassa daquela cachorrência instalada.

Se existe cachorrada de dois pés, imagina de quatro patas?

12. Alô, o tatu tá aí? – Não, o tatu não tá. Mas a mulher do tatu tando, é o mesmo que o tatu tá

Tava nada tua cara de pau nem na sola do chinelo bate.

Teu bom grado traduzia aquilo que o povo falava da tua pessoa, frequentadora das casas de luzes de todas as cores, das jogatinas e dos perfeitos antros de vadiagem em meio de qualquer tempestade tu ia e ainda queria me carregar na cacunda!

Veja eu uma pessoa
religiosa, com véu
vermelho de renda tida por
ti como quase irmã besta
apocalíptica fingidora da
moral e bons costumes!

Ah!
A inveja é tanta foi ali bater
três palmas e tua vergonha
desnuda em praça pública.

Como dizem por aí:

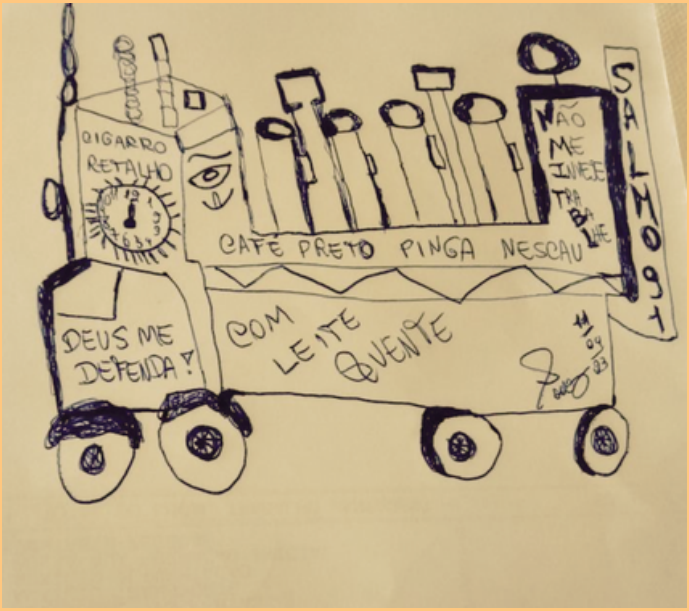
Quem tem com o que me
pagar, nada me deve!

13.
Ouvir o tique-taque, tique-taque, tique-taque. Depois que um tique toca é que se toca um taque

Vivia apressado subindo a ladeira do Curuzu fumando pacaia, empurrando o carrinho do cafezinho para vender na Lima e Silva.

Haja chão para desfilar e prosa natural surgia em cada avenida. Afinal de contas qual vendedor de café não tem história relevante a contar?

Como enfeite do equipamento de quatro rodas, um relógio de parede pendurado e olhar para o tic tac fazia a criatura questionar a rapidez do tempo. Aquele material velho, já perecia.



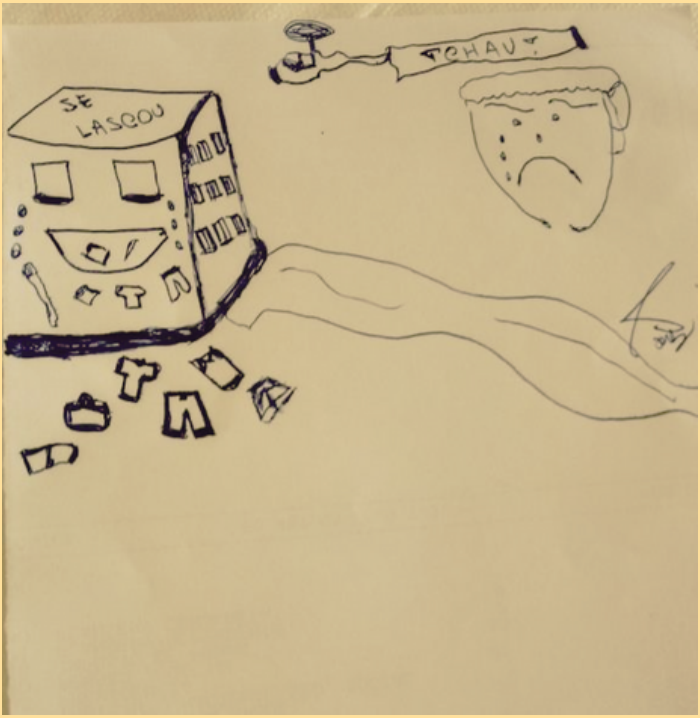
O relógio parecia o pintado por Dalí. E daqui o quanto tempo derretido vejo, não gasto papo com garrafa cheia! Vai um cafezinho?

14. Conta quantos contos contastes quando contavas contos

Choro bom é chorado na cara da plateia!

Roupa jogada pela janela e os prints das conversas noturnas, falados pelo homem que um dia jurou fidelidade no altar.

De descaração fomos gerados nesse mundo, disse um morador de rua que gargalhava arrumando uma pilha de papelão e juntando as roupas do cabra que acabara de ser despejado pela ex-amada.



A vida nem sempre é ornada de finais felizes.

15.
A rã arranha a aranha, a aranha arranha a rã

No reino animal você não passa de uma coruja piadeira. Armadora de esquema, logo na saída do bosque sofreu uma arapuca das boas!

Caiu na teia de uma aranha e no final a aranha engolida pela rã. Das suas conversas velhas bestas eu dou descrédito, mas que uma rã engoliu uma aranha eu acredito.

Quero saber nesse arrodeio
quem era a coruja? A coruja
é a mãe da sabedoria
popular.

Desassuntada!

16. Qual é o doce mais doce que o doce de batata doce?

Era tanto sacrifício, reunião em cima de reunião. Firmar aquele sindicato pela décima quinta vez trazia práticas repetitivas. Convencer, dialogar com pessoas parece difícil, pautando o poder de convencimento.

Aquela criatura bem sabia induzir na lábia. E no piscar de olhos foi unânime a votação. Como assim? A mesma prometeu e cumpriu dando a velha ponta (R$) para cada um:

Assim se faz boas escolhas!

17. Por fora bela viola por dentro pão bolorento

Entrava em estado de euforia subindo as longas ladeiras da proximidade do Beco do Sabão, para ir à academia ver aquela beleza de homem.

O objetivo de ir à academia era olhar de perto aquele amor, cujo encanto ultrapassava todos os níveis platônicos.

Só ela amava menos, ele que não sabia.

18.
O amor é uma flor roxa que nasce no coração do trouxa

Aquele rapaz era diferente dos tidos normais da sua idade.

Escrevia cartas e bilhetes de amor bem elaborados descartando o trânsito das relações virtualizadas.

Resolveu fazer uma espécie de pombo-correio da laje de sua casa, arremessando para casa vizinha a carta de amor. O azar foi: o arremesso atingir justamente a casa errada e o cachorro mastigar aquele texto tão trabalhoso na produção.

Tem que ser muito trouxa disse uma velha, que viu tudo com seu par de binóculos novinhos do mercado livre!

19. Em rio que tem piranha, jacaré nada de costas

Dona Lúcia lavava roupa de ganho com aquele sabão em pedra. Dada à economia, nada besta era.

Quem não guarda um trocado para tomar uma, naquele velho esquema tira dali e bota acolá! Nesse dia, comeu água, dançava e estendia roupa.

Do nada, declarou amor ao
vizinho do lado.
Toda se querendo!

No dia seguinte, mente sã.
Só não se lembrava do
declarado e ficou sem
entender o vizinho
plantado na porta!
Buquê de rosas, chocolate,
e olhos a brilhar.

Arreda daqui homem!

20.
O cemitério está cheio de insubstituíveis

Era rotina chegar cedo ao departamento e deixar tudo impecável bem organizado, na sessão de estocar os alimentos.

Um comércio atacadista necessita de agilidade.

Do nada sentiu uma friagem nos pés e um repuxo no peito: Bateu a caçoleta!

No dia seguinte, novo funcionário desempenhando a mesma função da tão devotada trabalhadora!

Escritora soteropolitana premiada do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro em 28 de julho de 2022, com a obra: Fuxico,Resenha,Mexerico nas esquinas e buzus de Salvador.Especialista em Artes Visuais,Professora de Artes, Museóloga e Mediadora de Leitura. Participou de produções coletivas literárias nacionais de contos, crônicas e poesias, pela editora Tenha Livros na obra Antologia de Contos em três livros publicados.

Escreveu para o Ebook Crônicas da Fome, organizado pelo Coletivo Subplano lançado pelo Instituto Fome Zero e o livro Antologia 1001 poetas, da editora Casa Brasileira de Livros. Em 2023 participou do livro A sede de ter você,Antologia Erótica da Editora Vecchio composta por vinte autores brasileiros e Antologia Reviravolta da editora carioca Uaná.Segue produzindo e esta concorrendo com um romance no edital Prêmio Carolina Maria de Jesus.

EDITORA UANÁ

www.editorauana.com.br
editorauana@gmail.com
@editorauana